

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DAS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA CULTURA MATERIAL COMO FONTE HISTÓRICA PARA O ESTUDO DOS POVOS EM ANGOLA.

Yuri Manuel Francisco Agostinho

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Yanessanguifada@gmail.com

Se até hoje ainda existem interrogações sobre a pesquisa a respeito da história de Angola. É por que há muito por se fazer. A cultura material seria um ponto de partida, para pensarmos nas possibilidades como fonte para respondermos às demandas vindas da necessidade de escrever uma história que pertença ao espaço físico que hoje denominamos por Angola? Se a cultura material é, em síntese, objetos que temos ao nosso redor. Como a cultura material dos povos de Angola, pode ser reconstruída no passado? Se for possível esta reconstrução, como o estudo da cultura no passado, permiti-nos fazer afirmações sobre o passado dos povos que habitam em Angola?

Através destas questões estabelecidas, tentaremos trazer reflexões em torno de desafios da cultura material como fonte histórica, para o estudo dos povos em Angola. Uma vez que assinala-se mudanças profundas no âmbito local e global, a cultura material continua a ser uma fonte para poder reconstruir o passado dos povos a partir do presente. Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, realizamos dois percursos: em primeiro lugar, fizemos uma reflexão em torno das possibilidades e desafios da cultura material como fonte histórica e em segundo lugar direcionamos a nossa atenção na questão da sobrevivência dos objetos, neste quesito a nossa observação estará centrada nas coleções de superfície, expostas no museu de Antropologia de Angola.

Das possibilidades e desafios da cultura material como fonte histórica.

preocupação sobre a pesquisa sobre os povos que hoje habitam e ontem habitaram o território que chamamos no presente de Angola, tem sido vista por vários pesquisadores, este interesse incide sobre uma questão elementar, como e onde começar quando temos fato, interesse de estudar os povos de Angola? A resposta para esta questão, poderá levar-nos para outros assuntos, o mais importante para o historiador é

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

encontrar um ponto de partida para poder avançar, pois o passado apresenta-se vasto e vai se ocupando de acumular as experiências do presente. Neste sentido, as fontes têm um peso fundamental para o trabalho do historiador, mediante a constatação daquilo que se tem como prova, como todo o processo até chegar a fase da escrita, a validação como prova documental, passa por uma operação historiográfica, assim como afirma Certau (1982).

O exame do decurso histórico, seu progresso desde os primórdios da origem do homem até o presente não apresenta, uniformemente, os mesmos recursos de fontes (FERREIRA; TAVARES, 1986, p.81). A não uniformidade das fontes coloca desafios aos historiadores, por isso cada um de nós precisa ser um verdadeiro historiador. O problema é, como ser um “verdadeiro” historiador? Para ser um verdadeiro historiador tem que se conhecer a historiografia de que se trata. Mudar a historiografia, reforçá-la, aprofundá-la em termos de abordagem ou mesmo “acabar” com a historiografia estudada e quiçá inventar uma outra. Por outro lado, devemos ter em conta tudo aquilo que foi dito sobre o assunto e produzir argumentos sobre posicionamentos, os argumentos, podem ser novas interpretações, nos fatos encontrados nas fontes, assim poderemos ter uma nova organização do saber, que poderá abrir novos caminhos e surgimentos de debates.

Precisamos também de margens de questões sem respostas, precisamos também de abrir portas e deixar a possibilidades de procurarmos hipóteses, interrogações, assim estaremos em condições de ir ao passado, passado este, que será sempre confrontado no presente. A ausência e a presença de fontes, abre um vazio para a tarefa do historiador, mas pode proporcionar possibilidades de ir ao passado e a partir dele, construir um quadro se ele for capaz de trazer para o presente novas representações e interpretações, é o que Pesavento (1995) explica sobre a representação, por um lado é dada a ver segundo a uma imagem, mental ou imaterial. Por outro lado, as representações são parte integrante também daquilo que chamamos realidade (PESAVENTO, 1995).

Neste contexto em *Representações da África no Brasil: novas interpretações*, Lima (2018), fala sobre algumas dificuldades que persistem para o estudo da história do continente africano, sobretudo pelo fato de que ainda se encontram no presente entraves

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que impedem o exercício da pesquisa histórica em sua forma plena. O autor começa a sua abordagem ao trazer a discussão a questão das “barragens dos mitos”, notável argumento do saudoso historiador Joseph Ki-zerbo, “que afirmou existir “uma barragem de mitos” impedindo o conhecimento do passado dos povos e das sociedades do continente africano” (KI-ZERBO, *apud*, LIMA, 2018, p.71).

Esta barragem dos mitos seria para nós um entrave para pesquisarmos a história do continente africano no geral e em particular a história dos povos que fazem parte do atual território angolano? Para esta resposta, se dissermos que sim, estaríamos presos numa “torre de marfim” sem ter a possibilidade de sair dela. Se olharmos por exemplo os “séculos obscuros”, período que para lá das incertezas e das polêmicas, podemos estabelecer que foi durante o curso dos “séculos obscuros” que foram lançadas as bases das primeiras civilizações africanas. Foi também neste terreno que se abriu pistas de investigação que aparentemente fecundas, mas que depressa se revelaram decepcionantes: :

Em primeiro lugar o caso dos agrupamentos humanos cujo conhecimento, em épocas muito antigas, parece eminentemente difícil. Destas primeiras populações, restam apenas alguns raros esqueletos. Ora, os critérios definidos para os agrupamentos humanos remetem mais para fatos sociais e culturais do que para características físicas, tanto mais difíceis de precisar pois estes agrupamentos resultantes de uma distante origem comum nunca deixaram de se misturar uns aos outros. Além disso, a repartição atual das populações africanas é o produto de uma história de longa duração. Em segundo lugar, a natureza e os tipos de sociedade que a África conheceu em tal passado mantêm-se também no domínio das hipóteses, pois tão deficientes são as informações quanto os métodos mais adequados para tirar partido das poucas fontes disponíveis (M'BOKOLO, 2011, p. 64).

M'bokolo (2011) ao ressaltar que a distribuição atual das nações africanas é o produto de uma história de longa duração, encaminha-se para o conceito braudeliano de longa duração na história, que centra-se na “história total”, percebida a partir do entrecruzamento de diversas informações e aspectos estudados, que não busca se preocupar com pequenos eventos, mas sim criar uma noção que enquadre a estrutura de todo um longo período. Por isso para o estudo dos povos que habitam o espaço que hoje é dominado por Angola, pode-se começar por domínios: primeiro por uma história das “civilizações materiais” e em segundo lugar, por uma “história das técnicas e da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

política”, desse jeito pode-se avançar com passos relativamente estáveis (M´BOKOLO, 2011).

A nossa opção recai por uma história das “civilizações materiais”, como ponto de partida para o estudo histórico dos povos em Angola, neste contexto é o resultado dos aspectos sociais destas civilizações materiais, que vão se resumir em grande parte naquilo que é cultura material, que é por natureza, as coisas que temos ao nosso redor. Na verdade, são objetos inanimados, com algumas exceções, eles foram modificados por humanos de uma forma ou de outra antes de serem usuais. No procedimento de seleção e modificação, e no seu uso, eles receberam significação dos humanos.

Neste contexto, existem quatro maneiras de reconstruir a cultura material do passado. Em primeiro lugar com base nos objetos sobreviventes; segundo lugar, com base em descrições verbais, escritas ou orais, e feitas no momento em questão ou posteriormente, com base na memória; em terceiro lugar, com base em imagens, como fotografias e desenhos; e em quarto lugar com base nas palavras usadas para as coisas. Todas as maneiras de reconstrução do passado, supracitadas são maneiras problemáticas (ROSS, 2018, p. 2).

A maior parte dos artefatos do passado veio de escavações arqueológicas, ou mesmo de coleções de superfície. O que os arqueólogos encontraram entre coisas que eram retidas nas casas, ou em outros locais de habitação, também não é uma amostra aleatória da cultura material dos habitantes dessas estruturas. No entanto, como o trabalho arqueológico, como qualquer outra forma de ciência, deve decorrer da evidência que se descobre, os arqueólogos tiveram que se tornar cada vez mais conscientes daquilo que não é o material lítico ou fragmentos que são os objetos de estudo em si mesmos, mas a tarefa dos arqueólogos é fazer declarações sobre o passado humano com base naquilo que encontram no solo. Há também aqueles objetos que foram coletados de lares africanos, santuários, ou onde quer que estejam, e foram encontrados nos museus (ROSS, 2018).

A arqueologia por ser uma ciência social, que visa, “a partir da análise das materialidades que nos rodeiam, contribuir para o conhecimento da história da nossa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espécie, ela também preocupa-se com o património cultural” (JORGE, 2007. p. 11). Se a história trabalha nos limites dos textos escritos a arqueologia:

Tem como fonte principal de conhecimento o que chamamos a cultura material. O estudo da cultura material passa por várias etapas e uma grande diversidade de métodos. Embora a arqueologia não permita resolver todos os problemas apresentados pela história, ela traz hoje uma contribuição primordial ao nosso conhecimento das civilizações antigas nos diversos domínios, como a ocupação do solo, o habitat, a vida quotidiana, a indústria, as trocas, a religião e os costumes funerários, a arte, etc. Hoje é impossível querer separar-se a arqueologia da história, já que todo o arqueólogo é um historiador e deve ter em mente que todo o vestígio que seja lítico, cerâmica ou outro exumado do solo é um testemunho histórico (JESUS, 2015, p. 229).

Neste contexto, os objetos que fazem parte do acervo dos museus em Angola, descrevem o quotidiano das diferentes comunidades históricas de Angola? Se olharmos para as potencialidades dos objetos, eles representam monumentos; palavra, que se potencializa com os espaços; com os tempos; com as memórias, com as marcas, com as datas, com as paisagens, com a história, com a cultura e o património histórico e cultural.

“O outro” como fonte histórica: um olhar sobre as comunidades históricas de Angola, presentes numa coleção de superfície no museu de Antropologia de Angola.

Olhar a exposição permanente do museu de Antropologia de Angola, implica fazer um trânsito, tomando o sentido de uma transição – “presente e passado” abrindo desta forma, admissões para um regime de historicidade. Este regime de historicidade conforme o olhar de Hartog (2013, p. 12-13) não é uma certeza dada. Este regime, não é diretamente observável num registo em calendário actual, ele é estabelecido pelo historiador. No artigo *Tempo e património*, Hartog (2006) olha sobre um novo regime de historicidade centralizado sobre o presente que possivelmente estaria se reformulando.

Hartog (2006) explica a importância de estudar o tempo, neste contexto, o tempo torna-se habitual para o historiador que pode instrumentalizá-lo ou naturalizá-lo. O regime historicidade pode ser entendido por duas formas: A primeira - (i) em uma aceção restrita, é como uma sociedade trata do seu passado no campo da História A

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

segunda - (ii) em uma acepção ampla, como o regime serviria para designar a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana no campo da Antropologia. A noção de historicidade pode fornecer um instrumento para comparar tipos de histórias diferentes, mas também e mesmo antes, Hartog (2006) adicionaria presentemente, para iluminar modos de relação ao tempo: formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem, maneiras de ser no tempo (HARTOG, 2006, p. 263).

Para se conhecer o Outro no museu é preciso estabelecer um regime de historicidade, questão que já tivemos oportunidade de abordar em Um olhar tripartido sobre as demandas sociais atinentes ao processo de patrimonialização em Angola: história do tempo presente, património e usos do passado, por outro lado é preciso encontrar um ponto de partida, esta saída, pode ser na base da reflexão que Fabian (2013) alude sobre o Outro, assunto que o autor eleva para a compreensão da Antropologia como disciplina inerente à política. Uma disciplina que ao mesmo tempo constitui e rebaixa seus objetos por meio de rejeição temporal. O autor se refere a esse momento construtivo como a “negação da coetaneidade – um termo que se torna verniz para uma situação na qual a localização hierarquicamente distanciada do Outro suprime a simultaneidade e a contemporaneidade do encontro etnográfico” (FABIAN, 2013, p. 10).

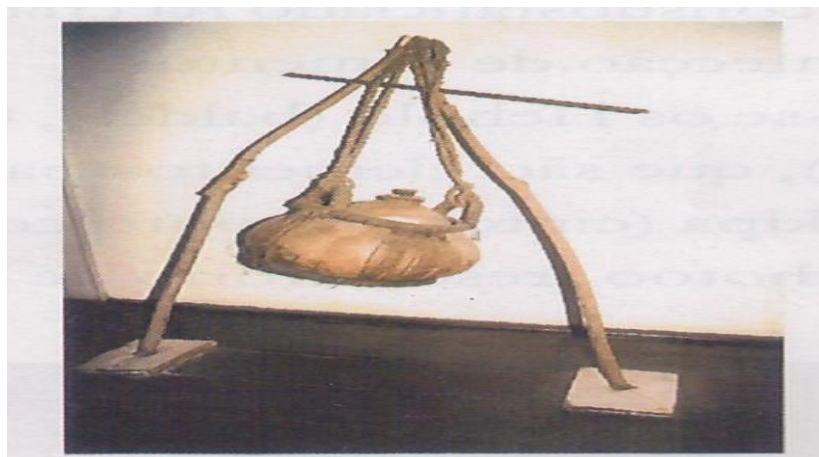
Por isso, as coleções etnográficas existentes nos museus de Angola suscitam hoje, grande interesse para o estudo histórico e antropológico, pois elas levantam graves problemas de identificação, tendo em conta as carências que apresentam a documentação etnográfica/museográfica existente, nomeadamente: fichas de identificação; registo e outra, apesar de alguns dados morfológicos de referência existentes correspondem à descrição e função do objecto (FERNANDO, 2001, p. 221). Por outro lado, estas coleções descrevem o estudo do Outro, sustentado num quadro conceptual quer para a história da constituição das coleções etnográficas quer para o estudo antropológico dessas coleções.

Assim o objeto que consideramos como objeto etnográfico pela sua carga ideológica constitui o fundamento da recolha, o de conhecer o Outro. Temos um Outro de “ontem e hoje”, que torna-se “inteligível” e “significativo” se soubermos interrogar o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

objeto pois a situação de confronto a nível do museu entre o investigador e o objecto do museu pode levantar questões:

Imagem 1 - Ochupa (cabaça bateadeira).



Fonte: catálogo da exposição permanente, museu de Antropologia Ministério da Cultura de Angola, 2007.

Nome do Objeto? Ochupa (cabaça bateadeira). Proveniência do objecto? (Nyaneca Khumbi, Ovambo e Helelo) - A vida quotidiana das comunidades pastoris do sudoeste de Angola está intimamente ligada às suas principais actividades que têm um reflexo na produção dos bens materiais e utensílios domésticos. Função do objecto? É uma cabaça com tampo envolvida em fibras vegetais e amarrada com um nó que garante a sua segurança. Serve para a produção de mahinyi (leite azedo ou iogurte mahinyi) é feito por mulheres, homens ou adolescentes, sentados sobre o tronco de uma árvore, movimentam num vai e vem. A Ohupa suspensa por três varas de madeira, sendo como uma espécie de forquilha e uma em transversal. A manteiga como um dos elementos resultantes desse processo, associada à seiva raída de uma planta, é utilizada para a produção de cosméticos como o óleo mupheke para o tratamento de cabelos, pele e para combater os piolhos¹.

Imagem 2 - Etemo (Enxada).

¹ Informação proveniente do Catálogo da Exposição Permanente. Em saudação ao 11 de Novembro dia da independência nacional. Luanda: Ministério da Cultura da república de Angola - Museu Nacional de Antropologia, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: catálogo da exposição permanente, museu de Antropologia Ministério da Cultura de Angola, 2007.

Nome do Objecto? Etemo (Enxada). Proveniência do objecto e função do objeto? Ovimbundu, Etemo de cabo duplo é utilizado para facilitar as mulheres a trabalharem com os seus bebês nas costas e demonstra um tipo de trabalho: sachar ou capinar em volta das plantações. Próprio de uma agricultura de subsistência. Este tipo de enxada também usado entre os Bakongo².

Imagem 3 - Lutengo (Forno).



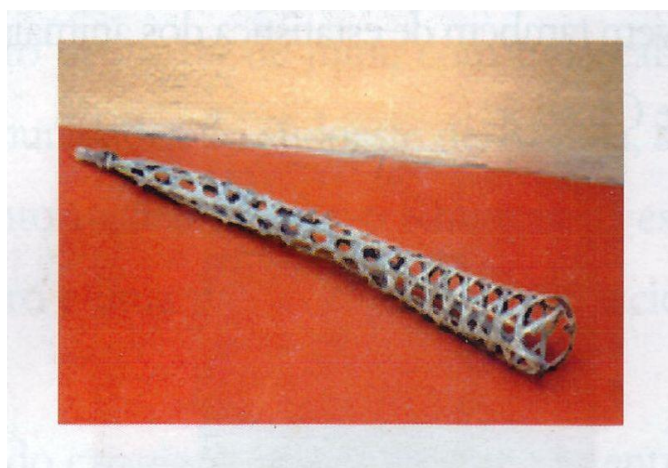
² Informação proveniente do Catálogo da Exposição Permanente. Em saudação ao 11 de Novembro dia da independência nacional. Luanda: Ministério da Cultura da república de Angola - Museu Nacional de Antropologia, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: catálogo da exposição permanente, museu de Antropologia Ministério da Cultura de Angola, 2007.

Nome do objeto? Lutengo (Forno). Proveniência do objecto e função do objecto? Forno Cokwe em forma de uma casota feito de areia vermelha e o seu rebocado com argila cozida de depois moída para conservar elevadas temperaturas. Apresenta duas coberturas sendo um entrada atrás e uma saída à frente. Em cima desta saída encontram-se dois seios humanos. O teto é coberto de capim para evitar a penetração de chucas e sustentado por oito paus a pique. Serve para fundir, derreter e transformar o minério em ferro puro para a fabricação de uma variedade de instrumentos e utensílios necessários à agricultura, à caça, à pesca e outras ações quotidianas. A construção do Lutengo obedece a uma cerimónia ritual, consubstanciada na imolação de um gado branco. Os seios humanos significam que as mulheres são expressamente proibidas de passar por perto do Lutengo e muito menos participar desse trabalho³.

Imagem 4 - Lunguwa.



Fonte: catálogo da exposição permanente, museu de Antropologia Ministério da Cultura de Angola, 2007.

³ Informação proveniente do Catálogo da Exposição Permanente. Em saudação ao 11 de Novembro dia da independência nacional. Luanda: Ministério da Cultura da república de Angola - Museu Nacional de Antropologia, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nome do Objeto? Lunguwa. Proveniência do objecto e função do objeto? A Ratoeira Cômwe, feita inteiramente de juncos entrelaçados, com pequenas aberturas, tem a função de capturar ratos. Normalmente o Lunguwa é uma armadilha para os jovens caçadores, é colocado nas passagens dos ratos selvagens sob vigilância de um dos caçadores.

Imagem 5 - Civuvu.



Fonte: catálogo da exposição permanente, museu de Antropologia Ministério da Cultura de Angola, 2007.

Nome do Objeto? Civuvu é uma representação dos diferentes fatos usados por todos os mascarados do centro, sudoeste e nordeste de Angola. Proveniência do objeto e função do objeto? Como resultado da tecelagem, os cômwe fazem saias e vestidos para os mascarados, técnica que progrediu até aos nossos dias, é transmitida aos tundandji (candidatos a circuncisão). Este Civuvu apresenta aspecto encapinhado, pesado e com fibras vegetais de cor preta e castanha – escura em contrastes⁴.

Através das questões feitas em torno de se conhecer o nome do objeto, a proveniência do objeto e a função do objecto, permitiu que conhecêssemos um sistema

⁴ Informação proveniente do Catálogo da Exposição Permanente. Em saudação ao 11 de Novembro dia da independência nacional. Luanda: Ministério da Cultura da república de Angola - Museu Nacional de Antropologia, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de significados e formas simbólicas de objetos criados por povos que se encontram em Angola. As imagens que acabamos de contemplar se transformam em dispositivos de memória, por outro lado, fornecem uma estrutura para a história, permitindo múltiplas interpretações do passado. É por isso que, nas sociedades em África, as produções artísticas, como os objetos que podemos encontrar em museus, permitem reconstruções do passado que os membros de uma comunidade consideram relevantes para atender às necessidades do presente. “Os encontros entre a reconstituição histórica de passados e obras de arte consideradas como fontes de informação histórica são relativamente raros nos Estudos Africanos” (JEWSIEWICKI; ROBERTS, 2018, p. 2)

Neste sentido, o Outro que encontramos no museu de Antropologia de Angola, não é deglutido, não é devorado, não é anulado em sua alteridade, não é derrotado, ou seja, o Outro que encontramos no museu supracitado, é bem diferente, por exemplo daquele Outro, que Júnior (2018) encontra no museu de Londres (British Museum); um Outro anulado e absorvido. Este Outro pode ser uma fonte histórica para o historiador que se interessar sobre a história dos povos que se encontram no território angolano, embora que estes objetos são geralmente mudos, mas a informação retirada destes testemunhos por exemplo, podem informar a tecnologia envolvida; saberes, práticas, consumo, mapas, processos de produção, espaços linguísticos e áreas culturais.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Yuri Manuel Francisco. Um olhar tripartido sobre as demandas sociais atinentes ao processo de patrimonialização em Angola: história do tempo presente, património e usos do passado. **Revista: África (s)**, Vol. 7, n. 13, p. 65-86, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objecto**. Trad. Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FERNANDO, Mazambi V. Estudo das colecções etnográficas dos museus de Angola numa perspectiva Histórica e Antropológica. **Africa Studia, Revista internacional de estudos africanos internacional – Journal of African Studies**, vol. 4, p. 121- 148, 2001.

FERREIRA, Aurora Fonseca; TAVARES, Ana Paula Ribeiro. A problemática da pesquisa sobre história de Angola. **África: revista do centro de estudos africanos da USP**, 9, p. 80-90, 1986.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Tempo e patrimônio. **Varia História**, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

JESUS, Maria da Piedade de. Métodos e Técnicas Utilizadas em Arqueologia: Exemplos de Estudo Experimental e Traceológico dos Líticos da Baía Farta. In: Arquivo Nacional de Angola. **Actas do III Encontro Internacional Sobre História de Angola (I Volume)**. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, 2015.

JEWISHIEWICKI, B.; ROBERTS, A. Exploring Present Pasts: Popular Arts as Historical Sources. **Oxford Research Encyclopedia of African History**, 2018. Obtido em 15 de Abril de 2019, em <https://oxfordre.com/africanhistory/view/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-221?rsk=3ellUk&result=10&%E2%80%A6>

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, Património e Cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. A Melancolia dos Objetos: Algumas reflexões em torno do tema do patrimônio histórico e cultural. In: BAUER, Leticia Brandt; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Historial oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 137- 163.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Representações da África no Brasil: novas interpretações**. Recife: Bagaço, 2018.

M'BOKOLO, Elikia. A emergência das civilizações africanas. In: **África Negra: História e Civilizações Tomo I (até o século XVIII)**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p.64-99.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Além do espaço: por uma história Cultural do Urbanismo). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8 n.16, p.279 – 290, 1995.

ROSS, R. Material Culture as a Historical Source. **Oxford Research Encyclopedia of African History**, 2018. Obtido em 15 de Abril de 2019, em <https://oxfordre.com/africanhistory/view/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-218>

DOCUMENTOS

Catálogo da Exposição Permanente. Em saudação ao 11 de Novembro dia da independência nacional. Luanda: Ministério da Cultura da república de Angola - Museu Nacional de Antropologia, 2007.